

JUDÁ NA PASSAGEM DO SÉCULO VIII AO VII: OS REINADOS DE EZEQUIAS A AMON

Aluno: José Diógenes Dias Gonçalves
Orientadora: Maria de Lourdes Corrêa Lima

Introdução

Judá é fortemente marcada pela dominação assíria, do final do século VIII até meados do século VII, entretanto os reis têm posições opostas frente ao império Assírio: enquanto o rei Ezequias empreende diversas revoltas contra a dominação estrangeira, seus sucessores, Manassés e Amon, se submetem completamente.

O rei Ezequias estabelece coalizões políticas com outros povos, uma estratégia externa de enfrentamento, além de reunir internamente Judá pela reforma religiosa, promovendo um culto javista mais purificado. Os reis Manassés e Amon se comportam como fiéis vassalos da Assíria, conseqüentemente trazem para Judá um sincretismo religioso de influência estrangeira.

Os recentes estudos arqueológicos e históricos trazem outros elementos que colaboram para a compreensão dos reinados de Ezequias, Manassés e Amon comparando-os com os dados bíblicos.

1. A política assíria de dominação estrangeira e sua influência sobre Judá.

1.1 - O império assírio surgiu na região norte da Mesopotâmia, acima do Rio Tigre, área fértil por causa da abundante irrigação, região conhecida hoje como Yazireh, (cidade de Mosul), prevaleceram entre 1900 a.C. e 600 a.C [1]. A cultura era desenvolvida, com grande e variada quantidade de obras literárias, conforme se sabe da biblioteca de Nínive do palácio do rei Asurbanipal. A cultura assíria se destacava, inobstante ser a Babilônia o centro cultural da época [2], do século VIII ao VII a.C. Grandes cidades surgiram nesta região, tal como Asur, Kalhu, Dur Sharrukin, Arbil, Apku, entre outras.

A Assíria inovou no modo de agir bélico, equipando seu exército profissional com carros de guerra e com uma cavalaria montada, uma novidade no século VIII a. C.[3].

A história atribui aos assírios um perfil guerreiro, sem escrúpulos nos seus métodos de conquista, abusando da crueldade. Talvez a fama seja resultado de uma inteligente propaganda para aterrorizar moralmente os povos, diminuindo sua resistência. Para evitar movimentos

nacionalistas dentro dos domínios conquistados, deportavam grande parte da população subjugada, desvinculando-a da sua pátria. A única nação que mereceu certo respeito dos assírios foi a babilônica, porém não o suficiente para impedir o uso de força quando julgaram necessário[4].

O auge do império inicia-se com o rei Asur-Uballit (1365-1330 a.C.), seguido por Salmanassar I (1274-1245 a.C.), que conquista áreas montanhosas do norte e do oriente, e Tukulti-Ninurta I (1244-1208 a.C.), que avança para o sul, chegando a dominar a Babilônia. Tiglat-Pileser I (1115-1077 a.C.) estende seu domínio até o Mediterrâneo, se valendo do declínio dos hititas[5].

O apogeu dos assírios acontece com Tiglat-Pileser I e seus sucessores Adad-ninari II (911-891 a.C.) e Aurnazirpal II (883-859 a.C.), que mudou a capital de Assur para Kalhu, promovendo uma transformação urbanística ao criar uma metrópole.

O governante seguinte, Salmanassar III (858-824 a.C.), equipou melhor o exército e começou a controlar o reino de Israel, implementando uma política de ampliação do território, tal como Adad-ninari III (810-783 a.C.) e o famoso Tiglat-Pileser III (745-727 a.C.), que levou ao ápice o domínio assírio, administrando grande extensão de território, com uma complexa organização burocrática e um exército muito bem aparelhado. A sua administração é marcada por um aperfeiçoamento da estratégia de conquista por vassalagem, incorporando territórios e subjugando os povos conquistados com pagamento de tributos.

O domínio acontece em três estágios:

1. primeiro uma vassalagem política ordinária, com aplicação de pesados tributos, porém preservando uma soberania limitada;
2. seguida de intervenção militar em resposta a possíveis levantes, com a imposição de um administrador submisso (em geral membro da realeza local);
3. por fim, a dominação plena com controle direto de um governador assírio, acompanhado de forte presença militar, deportação da elite local e alocação de estrangeiros vindos de outras regiões conquistadas [6]. O destaque é a flexibilidade que a administração assíria utilizava ao adaptar para cada caso uma maneira que julgava mais adequada.

Salmanassar V (726-722 a.C.) sucede seu pai, Tiglat-Pileser III, porém reina por pouco tempo.

Sargão II (721-705 a.C.), com mais tempo, consegue transferir a capital para Dur Sharrukin, e construir um palácio grandioso.

Na sequência reinou Senaquerib (704-681 a.C.), que consolidou seus domínios na Síria e na Palestina, combateu no sul da Mesopotâmia, vencendo os elamitas na batalha de Halule (689 a.C.). Quando retornou, destruiu a cidade da

Babilônia, convertendo Nínive na capital do reino, com fortificações, templos e palácios grandiosos.

Seu filho Assarhadon (680-669 a.C.) tinha a intenção de restaurar a cidade da Babilônia, além de conquistar grande parte do Egito.

Assurbanipal (668-627) sucedeu seu pai e foi o maior rei assírio de toda a história. Solidificou o império por toda região do Egito, além de derrotar os cimérios e elamitas, construindo um grande palácio ao norte de Nínive e a grande biblioteca já mencionada. Depois dele o império entra em decadência, não suportando as disputas internas. Culminou na destruição de Nínive em 612 a.C., pelo rei dos medos, Ciáxares e dos babilônios, Nabopolassar [7].

Alberto Soggin atribui o declínio ao fato de que os povos antigos não conseguiam administrar seu domínio quando cresciam muito. O grande tamanho, dificultava a administração, o controle de subordinados e a repressão de insurgentes, todos esses fatores eram acompanhados de disputas internas [8].

1.2 - Relação com os israelitas

O contato com Israel acontece, primeiramente, com Salmanassar III, que tributou o norte de Israel, além das cidades fenícias da costa do mediterrâneo e Damasco. O rei de Israel, Acab (853 a.C.), juntamente com uma coalisão de reis, liderados por Damasco, enfrentou a Assíria mas não conseguiu vencer. Todos foram obrigados a pagar impostos, mas os reinos foram preservados, conforme consta em documento assírio: o obelisco negro de Nimrud, onde o rei de Israel Jeú (842-814 a.C.) paga tributo a Salmanassar III, da mesma forma ocorre com Joacaz (814-800 a.C.), chamado de “Casa de Omri”; na estela de Tell el-Rimah encontra-se referência a Joás (800-784 a.C.), rei da Samaria, que pagava tributos da mesma forma que os reis de Tiro e Sídón [9].

O rei assírio que sucede é Tiglat-Pileser III, que não se limita a cobrar tributos, mas empreende uma dominação territorial pela Síria arameia, Fenícia, e em 734 a.C. na Palestina, avançando até Gaza e em toda a Galileia, incluindo Meguido. No ano de 732 a.C. dominou Damasco e toda a região de Haurán.

Neste estágio o reino de Israel se restringiu a Samaria e povoações no seu entorno, porém continuando a pagar tributo à Assíria.

A próxima etapa de conquista foi a deportação em massa das populações conquistadas, retirando de seus locais de origem que se transformaram em províncias do império.

Samaria não permaneceu livre; após cerco de Salmanassar V, perdeu a autonomia, preço pago por apostar na improvável derrota Assíria pelos egípcios. Ao final do

terceiro ano, Sargão II, no ano de 721 a.C., leva mais 27.000 israelitas para o interior da Assíria e aloca outros povos no lugar, originários da Mesopotâmia e outros locais. O território de Israel foi transformado em seis províncias e um reino tributário chamado pela primeira vez de Ya'udu, ou seja, Judá [10].

Para a Assíria essa situação de domínio não era, ainda, satisfatória, Senaquerib, em 701 a.C., promove uma grande campanha militar para consolidar o poderio assírio na região, sufocando cidades instáveis em Judá, Fenícia e Filisteia, tomando cada cidade do Mediterrâneo, mesmo com certa resistência de duas: Laquis que não suportou ao prolongado cerco e Jerusalém, governada por Ezequias (727-698 a.C.), que conseguiu suportar por causa das providências prévias ao cerco, mas continuou pagando pesado tributo ao rei assírio. Na sequência os territórios judaítas foram preservados, porém os tributos continuaram sendo cobrados, tanto pelo rei Asarhadón, quanto Asurbanipal (conquistador do Egito) [11].

2. O reinado de Ezequias: datação, realizações políticas e materiais.

Os historiadores divergem quanto à cronologia de Ezequias. Begrich indica 725/24-697/96¹, enquanto Jepsen 725-697 (ou 728-700), Soggin 715-687 ou 728/25-700, Thiele 716/15-687/86 e Andersen 715/14-697/96. Isto se deve ao sistema de cálculo adotado [12].

Os períodos de governo de Ezequias e de seus sucessores não são precisos historicamente, até mesmo a narrativa de vitória de Ezequias sobre os filisteus "...até Gaza", 2Rs 18,8, não pode ser enquadrada na história.

Melhor sorte tem nos seus feitos urbanísticos, que são perceptíveis até o dia de hoje: elaborados sistemas de suprimento de água, cemitérios, fortificações, armazéns, entre outros indicativos do esplendor da cidade. Entre os séculos VIII e VII, Jerusalém estava no auge, uma das maiores metrópoles da época [13].

Havia uma considerável produção agrícola, percebe-se um aumento extraordinário da população rural, com grandes plantações de oliveiras [14]. Diversos fragmentos de grandes jarros foram encontrados com o selo real *lmkm* (*lamelech*). Existem mais de mil desses selos que eram colocados na alça dos jarros com capacidade de 50 litros aproximadamente [15].

Ezequias é conhecido por possibilitar a autonomia de Jerusalém no abastecimento de água, uma maravilha da

¹ Donner 368, apresenta bibliografia sobre a divergência: 1. SH HORN The Chronology of King Hezekiah's Reign, AUSS, 2:18-26, 1964; ER THIELE, The Azariah and Hezekiah Synchronisms, VT, 16:103-107. 1966; JB PAYNE, The Relationship of the Reign of Ahaz to the Accession of Hezekiah, Biblioteca Sacra, 125:40-52

engenharia. Cavando um túnel na rocha, de aproximadamente 513m, ligou a fonte de Gion até o tanque de Siloé [16].

Escavações demonstraram a construção de uma grande muralha na encosta oriental, indicando a expansão da cidade. Muitas habitações foram encontradas na muralha, até mesmo fora das muralhas havia casas, por conta da falta de espaço intramuros. As invasões babilônicas do início do século VI, portanto após o reinado de Ezequias, destruíram todas as edificações, incinerando-as.

Charles Warren, oficial britânico, descobriu um importante poço de água que hoje leva o seu nome, bem como um imponente edifício que funcionava como sede administrativa, torre de observação e entrada da cidade [17].

Foram encontradas outras fortificações: uma grande torre e uma seção de muralha, com paredes de 4 metros de espessura. Outro exemplo é o palácio real conhecido como Ramá Raquel, com forma retangular medindo 50 x 75m, rodeado de muro com 5m de espessura, finamente decorado, onde foram encontrados selos que evidenciam o reinado de Ezequias.

Estudiosos concordam com a expansão da cidade no período de Ezequias e Manassés, mas divergem, contudo, quanto à sua extensão. Um aumento populacional no sul pode ser atribuído ao desenvolvimento econômico, porém pode ser reflexo da tomada de Samaria que estimulou a busca por refúgio em Judá [18]. A cidade cresceu passando de cinco hectares para sessenta, a população de mil pessoas para quinze no período de uma geração. O arqueólogo Magen Broshi encontrou vestígios de aumento de habitações desde a antiga margem estreita (cidade de Davi) até cobrir toda a colina no lado oeste [19].

A segunda cidade de expressão é Láquis, fortificada com muro de 6m de espessura, com um complexo de portões e casamatas, movimentava um intenso comércio e tinha diversas habitações [20]. No final do século VIII existiam cerca de trezentos assentamentos de todos os tamanhos, o conglomerado de cidades tinha uma população de 120 mil pessoas aproximadamente. O reino se tornou um estado pleno neste período de dominação assíria, com evolução social. A arqueologia encontrou inscrições monumentais, selos, óstracos, construção com pedras cantaria, grande produção de vasos, indicando indústria de vinho e azeite, túmulos bem ornamentados (indica um florescer da classe alta), entre outros diversos indícios de que Judá se integrou ao sistema de desenvolvimento do grande império assírio, participando do comércio entre outras nações. Por fim, Judá passou de um sistema baseado em aldeias e clãs para uma produção agrícola e industrial massificada, acumulando riqueza, especialmente em Jerusalém [21].

3. A reforma de Ezequias: realizações religiosas e atividade literária.

No final do século VIII houve uma extraordinária mudança social que foi acompanhada por uma luta religiosa, tendo em vista que antes da organização do reino de Judá havia uma diversidade de culto e deuses espalhados pelos ambientes rurais, ou seja, as ideias religiosas estavam dispersas: seja culto a YHWH em Jerusalém, culto a fertilidade e aos ancestrais, predominando cultos sincréticos. O culto exclusivo a YHWH não era, necessariamente, uma preocupação da liderança até então, conforme expresso nas narrativas dos profetas e pregadores do reino do norte: Elias, Eliseu, Amós e Oséias [22].

A concentração do poder em Judá, corroborada pela queda da Samaria, coincide com o esforço de organizar um culto único, num só lugar e adorando a somente um Deus. Tudo isso acontece num pequeno espaço de tempo, conforme defende os estudos de Baruch Halpern, sugerindo que em algumas décadas ocorreu grande mudança religiosa [23].

A origem do repúdio aos cultos estrangeiros pode ter nascido de religiosos do norte revoltados com a idolatria, bem como com a conveniência política de se concentrar o poder num só lugar, de fato houve um esforço em conjunto de funcionários da corte, líderes políticos, religiosos, além da elite econômica, num movimento pró YHWH.

O momento era oportuno para mudanças, por conta da estabilidade e do desenvolvimento econômico e social, proporcionado, ironicamente, pelo domínio estrangeiro.

O desenvolvimento intelectual, atividade literária especialmente, é reflexo da preocupação em sedimentar a ideia de culto centralizado, o que encontramos de elaboração no Deuteronômio, amadurecido e compilado em grande parte no século VII, é resultado de formulação do século anterior, tudo em conformidade com uma época em que não existia separação entre religião, política, cultura e economia, sem esquecer do fator territorial, em que YHWH deu a terra e nela habita. A diversidade de clãs autônomos passa a ser reprovada, os seus cultos e deuses são apontados como infidelidade a YHWH, “na arena da polêmica e do debate religioso, o que era antigo passou a ser considerado estranho, e o que era novo passou, repentinamente, a ser considerado verdadeiro”, “o que era mais genuinamente judaico foi condenado como heresia cananeia”, Israel Finkelstein indica que havia identificação entre os cultos [24].

Independente da discussão acerca extensão e da dificuldade de encontrar indícios arqueológicos, o reinado de Ezequias transformou singularmente a religiosidade de Judá. O objetivo era o estabelecimento da veneração única a YHWH, em Jerusalém exclusivamente. Dois pontos de

arqueologia – Arad e Bersabeia – apontam que Ezequias banuiu os cultos a outros deuses na zona rural, sem fechar os templos do Estado nos centros administrativos [38].

É provável que a conquista da Samaria tenha provocado a ida de grupos israelitas para o sul, influenciando não só no crescimento demográfico, mas também na administração e religião [26]. Este fato somado à questão da pressão do império, proporcionou um ambiente de conveniente reforma religiosa inaugurada por Ezequias, mas não se pode pensar que ocorreu repentinamente. As resistências a novo modelo de culto foram grandes e, após a morte de Ezequias, Manassés fez que tudo voltasse ao que era [27].

O relato bíblico aponta uma diversidade de providências para a purificação do culto (cf. 2Rs 18,3-4/2Cr 29-31), com a demolição de lugares altos cananeus ou sincréticos, destruição da relíquia da serpente de bronze ligada pela tradição a Moisés, purificação do templo, sacrifícios de expiação, celebração da Páscoa [28].

O rei Ezequias é apresentado bíblicamente como um reformador sem precedentes: removeu os lugares altos, quebrou estelas (massebas), postes sagrados (axerás) e destruiu a serpente que recebia incenso Neshushtan. Tudo isso como reflexo do rompimento com a Assíria [29]. Entretanto estes elementos cúlticos são heranças cananéias, ou melhor, um culto “cananeizado” a YHWH. A ligação com Josias está na tríade “altos, massebas e axerás”, o que substancia argumentos de projeção de um ao outro.

Alguns autores² questionam a reforma de Ezequias, se na verdade houveram, segundo esta linha de defesa, atitudes de purificação do culto a YHWH que foram apropriadas pelo deuteronomista colocando Ezequias como um precursor de Josias. As teorias de que são tendências antiassírias, ou crise religiosa devem ser afastadas por falta de base histórica [30].

A campanha de Senaquerib contra Ezequias é um ponto marcante para estudar a implementação da reforma em Judá.

A centralização do culto era uma estratégia de cunho não só religioso, mas político, econômico, militar e social, visando a campanha contra a Assíria. A eliminação de qualquer divindade colabora para o movimento de resistência ao império, mesmo que os cultos não tenham qualquer relação com divindades assírias [31].

Ezequias centralizou o culto, isto visando o enfraquecimento financeiro da Assíria tendo em vista que estes locais eram postos de coleta dos impostos. Os dízimos eram anuais e trienais, estes ficavam nas próprias aldeias, enquanto o anual era consumido pelos contribuintes dentro do santuário central, promovendo um grande

² Entre eles Wellhausen

desenvolvimento econômico em Jerusalém, em especial aos que estavam ligados burocracia no templo.

Por um lado a estratégia centralizadora de Ezequias realmente prejudicava as finanças da Assíria, mas isso trazia sérios reflexos na própria arrecadação.

A centralização do culto minava uma estratégia bélica dos assírios que se apoderavam dos deuses a medida que avançavam na campanha, forçando o culto na direção onde eles estavam.

Ezequias indisponibilizou os objetos de culto a YHWH nos outros lugares, concentrando em Jerusalém, ou seja, a Assíria seria obrigada a dominar a capital para desestabilizar as práticas religiosas de Judá.

Trata-se de medidas emergenciais, portanto não tinham matiz de permanência, diferentemente das providências de Josias que além de fechar, destruiu.

Resumidamente, Ezequias ousou enfrentar o poderoso império assírio, encorajado por sua aparente instabilidade, entretanto a Assíria não poderia ser vencida sem o apoio do povo, que fora estimulado a lutar na esperança de se libertar do opressor, unidos contra o inimigo, cultuando em um só lugar, ofertando todos no mesmo templo, fomentado num sentimento nacionalista judaíta pela centralização do governo em Jerusalém.

Senaquerib se mostrou capaz de manter o domínio assírio e desmantelou todo o esforço dos rebeldes.

4. O legado de Ezequias e a sucessão do seu reinado: Manassés e Amon.

Manassés, diferentemente de seu pai Ezequias, foi um pragmático vassalo dos assírios [32], pagando, sem resistências, os pesados tributos, além de fornecer tropas, matérias e mão de obra para o império. A Assíria não incomodou o reinado de Manassés, possibilitando uma expansão dos limites do reino, com progresso do comércio e desenvolvimento da região.

O enriquecimento da região tornou mais confortável para Judá pagar os tributos a Assíria, trazendo certa tranquilidade na região, retornando a situação anterior a Ezequias.

O retorno foi abrangente, ou seja, os cultos tradicionais retornaram, os lugares altos foram restaurados, o culto sincretista estava autorizado, com forte influência assíria, em paralelo ao culto a YHWH.

Manassés reconstruiu lugares altos e inaugurou novos, erigiu altares a Baal, divindades astrais, introduzindo deuses no próprio templo de Jerusalém, fez axerá, holocausto de crianças, estimulou a feitiçaria, os augúrios, necromancia, entre outras práticas “pagãs”.

Foi retratado como perverso e que atraiu a ira de YHWH, morreu com idade avançada e seu reinado durou cerca de cinquenta anos (696/95-642/41, cf. Rs 21,1-18) [33].

Amon, filho de Manassés, reinou por um período muito curto (641/40-640/39) e foi assinado conforme 2Rs 21,19-26, provavelmente por membros da nobreza que eram contra o império assírio [34].

5. Comparação dos dados bíblicos referente ao período de Ezequias, Manassés e Amon e os dados levantados na pesquisa histórica.

Encontramos em 2Rs 18,4 um breve relato sobre a reforma religiosa de Ezequias [35], representativo por conta da discussão que o cerca, alguns defendem que não é histórico, outros dizem que não foi na proporção apresentada, seja a retirada e destruição da serpente de bronze, ligada a Moisés, ou a aniquilação dos lugares altos de adoração e das axerás, a reforma religiosa não é consenso.

Em 2Rs 18,22 relata a “remoção” dos lugares altos, mas certamente o que ocorreu foi a retirada dos ídolos, das edificações, dos altares e dos objetos de culto, pois não houve escavações dos montes, enfim Ezequias removeu, ou até mesmo destruiu, os objetos manufaturados [36].

Outra questão importante é o dízimo, na verdade existiam dois tipos, ou seja, trienal e anual, conforme Dt 12,6-7.11-12.17-18; 14,22-17 [37], sendo que o anual deveria ser consumido pelos próprios dizimistas no santuário central, Dt 12,7.17-18; 14,23.26, certamente esta estratégia fortaleceu a economia interna ao mesmo tempo que esvaziou os cofres da corte, porém se mostrou um benefício pois não havia o que pagar em tributos aos assírios.

A estratégia de resistência envolvia os outros povos, seguramente Ezequias tinha relações políticas com os povos vizinhos, no relato de 2 Rs 20,12-13 uma comitiva dos babilônicos faz uma visita de cortesia pela sua convalescência, indicando certa autonomia frente ao império assírio [38], mesmo que tenha ocorrido após a sujeição a Senaquerib, conforme 2Rs 18,13-16, que acarretou alto o custo pago pela rebelião 2Rs 18,14-15. O relato bíblico também apresenta o recuo de Senaquerib em outra investida, 2Rs 19,9-37, atribuída a intervenção de YHWH [39]. Discute-se a razão da atitude de Senaquerib, seja por uma misteriosa praga que atacou as tropas, ou até mesmo a preocupação com o avanço dos exércitos egípcios, o que não retira a impressão de libertação miraculosa de Sião.

O relato em 2Cr 29-32 apresenta Ezequias como se fosse Davi e Salomão em uma só pessoa, foi reto aos olhos de YHWH, 2Cr 29,2, reabrindo as portas do templo, 2Cr 29,3, com os instrumentos de Davi, 2Cr 29,27, celebrou com o

povo, 2Cr 30, em contínua adoração, 2Cr 31, júbilo comparado aos tempos de glória de Salomão, 2Cr 30,26 [40].

O cronista não menciona as intrigas políticas contra a Assíria, nem os tratados de vassalagem que foi obrigado a se submeter, a retirada de Senaquerib é fruto da fidelidade de Ezequias a YHWH, que humilha as nações poderosas, elevando o reinado davídico ao seu poste de honra. YHWH deu descanso a Judá, 2Cr 32,22, Ezequias prosperou em tudo, 2Cr 32,30, [41].

São relatos condizentes com o livro das Crônicas!

Os estudiosos questionam as hipérboles apresentadas, tal como a festa celebrada com o povo, na ocasião da Páscoa, seria possível a um monarca oferecer um banquete tão grandioso? Ou a sua singularidade está no fato de ser um culto javista purificado jamais visto antes?

O núcleo do capítulo 30 de 2Crônicas é o esforço de Ezequias em reunir o povo para celebrar a Páscoa, como forma de preparar o reino para enfrentar o grande desafio de se libertar da mais poderosa superpotência do mundo antigo [42].

A Assíria não enfrentou dificuldades em manter seu poderio sobre Judá, Ezequias foi sucedido por Manassés, que se submeteu ao império, sendo um fiel vassalo, em 2Cr 33,14, encontramos o registro de construções de cidades em territórios perdidos na rebelião de 701, conforme 2Rs 18,13, talvez como recompensa [43].

Manassés é apresentado como péssimo rei, por causa da sua subordinação incondicional ao império assírio, tendo por consequência o exílio, 2Rs 23,26-27, [44], ou seja, a culpa pelo exílio é de Manassés que permitiu a infidelidade no culto a YHWH.

Explicitamente em 2Rs 21,10-16 a culpa recai sobre Manassés, em que YHWH entrega a nação ao exílio babilônico.

Amon sucede o pai Manassés, mas não tem um reinado tranquilo, ao contrario do pai que morre na velhice e é sepultado nos jardins do palácio, Amon é morto por integrantes da corte, conforme 2Rs 21,19-26.

No relato de 2Cr 33,1-20, Manassés se encontra arrependido, recebe o perdão de YHWH e prospera. Alguns estudiosos interpretam o relato como uma metáfora de Israel que se arrepende no exílio babilônico³, restando a Manassés o papel de fiel vassalo do império. Causa problema para a Teologia da Retribuição, pois Manassés além de viver muitos anos e morrer velho, teve um reinado de sucesso, pois o reino prosperou durante sua administração, conforme 2Cr 33,14, nem mesmo a reforma religiosa que Manasses empreendeu é contradita pelo próprio cronista.

³ M. Burrows, Eissfeldt e W. Rudolf

Entretanto para o cronista Manassés é o exemplo de misericórdia de YHWH para todo aquele que se arrepender, todo Israel pode receber as bênçãos de YHWH quando verdadeiramente se arrependem [45].

Conclusões

O sucesso da rebelião do rei Ezequias contra o império assírio se baseava grandemente no apoio do povo judaíta, para tanto foi necessário infundir a fé javista, com um novo significado, a motivação contra o estrangeiro invasor, instigando no povo coragem e esperança para a dura jornada até a liberdade. Ezequias centralizou o culto em Jerusalém, com isso aumentou a peregrinação à capital. O reino recebeu o aumento do afluxo de recursos proveniente dos dízimos, sendo que o estímulo pelo consumo pelo próprio povo diminuía a receita interna e, portanto, não havia recursos para os tributos à Assíria. A centralização frustrou até mesmo a estratégia assíria de capturar os ídolos nos templos.

Por fim, a centralização trouxe reflexos antiassírios nos campos econômicos, religiosos, políticos, militares e até mesmo psicológicos.

Mesmo que o sonho de liberdade não tenha sido conquistado por Ezequias, suas reformas permaneceram nas pessoas como inspiração nacionalista de resistência a dominação estrangeira.

Manassés sucedeu Ezequias com a determinação de recuperar Judá, para isso se submeteu completamente ao império assírio, para fazer frente ao pagamento dos pesados tributos era necessário restaurar a independência econômica das áreas rurais, que estavam nas mãos dos anciãos e dos clãs [46].

Manassés permitiu a retomada das práticas religiosas nos lugares altos, as axerás, aos astros do céu, enfim, desfez tudo que seu pai havia feito.

Certamente a descentralização ia de encontro aos interesses das lideranças religiosas em Jerusalém, e isto se reflete nos registros bíblicos.

Os dados históricos apontam para um reinado de sucesso de Manassés, tendo em vista sua duração de mais de 50 anos [47], isto denota estabilidade.

Manassés transformou a nação devastada por Senaquerib em um Estado desenvolvido, inobstante ser vassalo do império. O novo quadro trouxe oportunidade para que muitos grupos prosperassem em especial na produção de azeite e na distribuição de grãos, para atender a demanda dos povos em deslocamento [48].

A devastação de Senaquerib provocou um afluxo nos territórios rurais, muitos clãs foram desmantelados e outros surgiram, esta reorganização possibilitou a Manassés

estabelecer sua administração nos moldes que atendia tanto os interesses da Assíria, como os seus próprios.

A posição de vassalo trouxe o benefício da estabilidade ao reinado de Manassés, que pode restabeleceu as rotas comerciais, vendendo a produção dos territórios rurais, trazendo riqueza e seguranças para os diversos clãs, que também faziam prosperar Jerusalém.

Após a morte de Manassés, seu filho subiu a trono, mas Amon foi assassinado depois de somente dois anos, por grupos pertencentes à realeza.

Os registros bíblicos apontam as diferenças entre os reis, enquanto Ezequias foi um rei da resistência contra a dominação estrangeira, seus sucessores, Manassés e Amon, foram os submissos. Esta posição de vassalagem foi o ponto de avaliação para os redatores bíblicos.

Ezequias foi bem avaliado, pois foi fiel a YHWH e não permitiu cultos estrangeiros, o preço que pagou ao império assírio não o desmerece.

Manassés e Amon foram desaprovados, pois não proibiram os deuses estrangeiros, mesmo com toda a riqueza e segurança proporcionadas pelo império dominador. São classificados como abominação, pois "...fez o que era o mal diante dos olhos do Senhor,..." 2Rs 21,20.

As recentes pesquisas arqueológicas e estudos históricos, em resumo, apontam para uma verdadeira reforma religiosa no tempo de Ezequias, talvez não na proporção dos dados bíblicos, entretanto estão comprovadas as realizações arquitetônicas e de desenvolvimento social. Certamente o rei Ezequias pagou um alto preço por não se submeter ao império assírio, pois se percebe a devastação de Senaquerib em todos os territórios.

O sucesso da administração de Manassés também pode ser percebido nos recentes estudos, seja na edificação de novas cidades, seja no intenso comércio que havia em sua época.

Podemos concluir que houve prosperidade nos reinados destes dois reis, porém Manassés supera Ezequias neste quesito, seja por conta do extenso reinado, seja pela expansão dos territórios, seja pelo intenso comércio. A avaliação do reinado de Amon é prejudicada por ter sido muito curta, entretanto é apresentado como um continuador da política de seu pai Manassés.

Referências Bibliográficas

1 – BARRIOCANAL GÓMEZ, José Luis. **Diccionario del Profetismo Bíblico**. Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 84.

- 2 – SOGGIN, J. Alberto. **Storia d'Israele**. Introduzione alla storia d'Israele e Giuda dalle origini alla rivolta di Bar Kochbà. Seconda edizione interamente rifatta e aggiornata. Brescia: Paideia, 2001, p. 290.
- 3 – SOGGIN, J. Alberto. **Storia d'Israele**. Introduzione alla storia d'Israele e Giuda dalle origini alla rivolta di Bar Kochbà. Seconda edizione interamente rifatta e aggiornata. Brescia: Paideia, 2001, p. 290.
- 4 – SOGGIN, J. Alberto. **Storia d'Israele**. Introduzione alla storia d'Israele e Giuda dalle origini alla rivolta di Bar Kochbà. Seconda edizione interamente rifatta e aggiornata. Brescia: Paideia, 2001, p. 290.
- 5 – BARRIOCANAL GÓMEZ, José Luis. **Diccionario del Profetismo Bíblico**. Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 85.
- 6 – SOGGIN, J. Alberto. **Storia d'Israele**. Introduzione alla storia d'Israele e Giuda dalle origini alla rivolta di Bar Kochbà. Seconda edizione interamente rifatta e aggiornata. Brescia: Paideia, 2001, p. 291.
- 7 – BARRIOCANAL GÓMEZ, José Luis. **Diccionario del Profetismo Bíblico**. Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 85.
- 8 – SOGGIN, J. Alberto. **Storia d'Israele**. Introduzione alla storia d'Israele e Giuda dalle origini alla rivolta di Bar Kochbà. Seconda edizione interamente rifatta e aggiornata. Brescia: Paideia, 2001, p. 292.
- 9 - BARRIOCANAL GÓMEZ, José Luis. **Diccionario del Profetismo Bíblico**. Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 85 e 86.
- 10- BARRIOCANAL GÓMEZ, José Luis. **Diccionario del Profetismo Bíblico**. Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 86.
- 11 - BARRIOCANAL GÓMEZ, José Luis. **Diccionario del Profetismo Bíblico**. Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 87.
- 12 – SOGGIN, J. Alberto. **Storia d'Israele**. Introduzione alla storia d'Israele e Giuda dalle origini alla rivolta di Bar Kochbà. Seconda edizione interamente rifatta e aggiornata. Brescia: Paideia, 2001, p. 302.
- 13 – MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000 – 586 a.C.** São Paulo: Paulinas, 2003, p. 405.

- 14 – LIVERANI, M. **Para além da Bíblia. História Antiga de Israel.** São Paulo: Loyola, 2008, p. 184.
- 15 – MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000 – 586 a.C.** São Paulo: Paulinas, 2003, p. 435.
- 16 – DONNER, H. **História de Israel e dos povos vizinhos.** V. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 387 a 375.
- 17 – MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000 – 586 a.C.** São Paulo: Paulinas, 2003, p. 401.
- 18 – LIVERANI, M. **Para além da Bíblia. História Antiga de Israel.** São Paulo: Loyola, 2008, p. 181.
- 19 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 329.
- 20 - MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000 – 586 a.C.** São Paulo: Paulinas, 2003, p. 409.
- 21 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 333.
- 22 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 334.
- 23 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 334.
- 24 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 337.
- 25 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 338.
- 26 – LIVERANI, M. **Para além da Bíblia. História Antiga de Israel.** São Paulo: Loyola, 2008, p. 181.
- 27 – LIVERANI, M. **Para além da Bíblia. História Antiga de Israel.** São Paulo: Loyola, 2008, p. 225.
- 28 – SOGGIN, J. Alberto. **Storia d’Israele.** Introduzione alla storia d’Israele e Giuda dalle origini alla rivolta di Bar Kochbà. Seconda edizione interamente rifatta e aggiornata. Brescia: Paideia, 2001, p. 303.
- 29 – DONNER, H. **História de Israel e dos povos vizinhos.** V. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 379.

- 30 – DONNER, H. **História de Israel e dos povos vizinhos**. V. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 380.
- 31 - GUNNEWEG, A. H. J. **História de Israel - Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl ates os nossos dias**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 193.
- 32 - MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000 – 586 a.C.** São Paulo: Paulinas, 2003, p. 388.
- 33 - GUNNEWEG, A. H. J. **História de Israel - Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl ates os nossos dias**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 193.
- 34 - GUNNEWEG, A. H. J. **História de Israel - Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl ates os nossos dias**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 194.
- 35 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 218.
- 36 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 237.
- 37 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 224.
- 38 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 212.
- 39 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 213.
- 40 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 239.
- 41 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 240.

42 - LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 247.

43 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 251.

44 – LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 258.

45 - LOWERY, Richard H. **Os Reis Reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 279.

46 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão**. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 357.

47 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão**. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 358.

48 – FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão**. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 368.

Todas as referencias bíblicas são da Bíblia de Jerusalém – Nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2008.